



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho 2012
Curitiba - Brasil

ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixo 1

“INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA”

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

EIXO 1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA

MR1.1. - A integração latino-americana em perspectiva histórica

EMENTA

Esta mesa-redonda/GT analisará a história da integração latino-americana. Seus eixos temáticos são: (i) Fases da integração latino-americana. (ii) Origens e evolução dos processos de integração latino-americanos: semelhanças e diferenças. (iii) O nacional-desenvolvimentismo e o ideal da integração latino-americana nos anos 1950-1960. (iv) A integração latino-americana e o ciclo autoritário dos anos 1970-1980. (v) A integração latino-americana e a globalização neoliberal dos anos 1990. (vi) A nova esquerda e a integração latino-americana nos anos 2000.

Coordenador: George Sturaro: Centro Universitário de Curitiba - (UNICURITIBA – BRASIL)
Amado Luiz Cervo: Universidade de Brasília e Instituto Rio Branco - (UNB/IRBR- BRASIL)
Mario Rapoport: Universidad de Buenos Aires - (UBA- ARGENTINA)
André Luiz Reis da Silva: Universidade Federal do Rio Grande do Sul - (UFRGS – BRASIL)
Osvaldo Luis Angel Coggiola: Universidade de São Paulo (USP – BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

GRUPO DE CONTADORA E APOIO: A EXPERIÊNCIA MULTILATERAL PARA A PAZ NA AMÉRICA CENTRAL (autor(es/as): **Ariane de Oliveira Saraiva**).

ASPECTOS GEOPOLÍTICOS DA IMPLEMENTAÇÃO DA RODOVIA INTEROCEÂNICA PARA A CIDADE DE PORTO-VELHO (autor(es/as): **Fernando Corrêa dos Santos**).

O CARÁTER INTERNACIONALISTA DA REVOLUÇÃO CUBANA, SEGUNDO O PENSAMENTO POLÍTICO DE ERNESTO CHE GUEVARA (1959-1967) (autor(es/as): **Kauê Carlino Sichinel**).

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO DEBATE ECONÔMICO CEPALINO NO PÓS-SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (autor(es/as): **Vinicius Figueiredo Silva**).

MR1.2. - A economia política da integração regional latino-americana

EMENTA

A mesa-redonda examinará os problemas políticos e econômicos dos diferentes processos de integração latino-americanos em perspectiva comparada. A mesa pretende refletir sobre: (i) a natureza intergovernamental da maioria dos processos de integração regional na América Latina; (ii) o papel das instituições supranacionais e intergovernamentais nas experiências de integração regional; e (iii) as assimetrias econômicas existentes entre os países latino-americanos e seus reflexos sobre o andamento dos processos e das propostas de integração regional.

Coordenador: Alexsandro Eugenio Pereira – Universidade Federal do Paraná (UFPR-BRASIL)
Rafael Freire: Central Sindical das Américas (CSA- BRASIL)
Marcelo de Almeida Medeiros: Universidade Federal de Pernambuco - (UFPE-BRASIL)
Luiz Daniel Jatobá França: Universidade de Brasília - (UNB-BRASIL)
Paulo Roberto de Almeida: Ministério das Relações Exteriores do Governo Brasileiro - (MRE-BRASIL)

CHINA E MERCOSUL: REFLEXOS DE UMA RELAÇÃO (autor(es/as): **ADRIANA SOUZA BENATTI**).

MATRIZ TEÓRICO-METODOLÓGICA PARA ESTUDAR A SITUAÇÃO DE DEPENDÊNCIA DA AMÉRICA LATINA (autor(es/as): **ALEXANDRE ANDREATTA**).

INSERÇÃO DA AMÉRICA LATINA NA GLOBALIZAÇÃO: RELAÇÕES ENTRE EQUIDADE SOCIOECONÔMICA E SIMBÓLICA (autor(es/as): **Edson Capoano**).

FLUXOS COMERCIAIS NA FRONTEIRA COM O PARAGUAI (autor(es/as): **ELOISA MAIESKI ANTUNES**)

ASPECTOS DA ECONOMIA CRIATIVA NO MERCOSUL A Indústria Fonográfica como fator de aproximação entre Brasil e Argentina (2003 – 2011). (autor(es/as): **marcelo de souza Freitas**).

A PARTICIPAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL NO MERCOSUL: INSTRUMENTOS LEGAIS E REALIDADE (autor(es/as): **Fabiane Mesquista**).

A governança global da cooperação internacional para o desenvolvimento: uma análise das instituições, da participação e da eficácia (autor(es/as): **Diego Henrique da Silva Baptista**)

MR1.3. Cenários e tendências da integração latino-americana

EMENTA

Desafios e oportunidades da integração latino-americana no futuro próximo. A integração regional na visão das "novas esquerdas". O papel dos partidos políticos e dos movimentos sociais na integração regional. A integração das economias e da infra-estrutura. "Novos temas" da integração regional: democracia, direitos humanos e justiça social. O papel da integração regional nas relações da América Latina com o resto do mundo.

Coordenadora: Karla Gobo – Faculdade Internacional de Curitiba - (FACINTER - BRASIL)
Rafael Duarte Villa: Universidade de São Paulo - (USP - BRASIL)
Marcelo Coutinho: Universidade do Estado do Rio de Janeiro - (UESP/UERJ - BRASIL)
Florisvaldo Fier (Dr. Rosinha): Parlamento do MERCOSUL – (PARLASUL – BRASIL)
Robson Cardoch Valdez: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS - BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

O PRINCÍPIO DA SUBSIDIARIEDADE NO MERCOSUL: O PAPEL DA COOPERAÇÃO DESCENTRALIZADA A NÍVEL CULTURAL (autor(es/as): **Ariane Saraiva**)

SEGURANÇA INTERNACIONAL: A participação latino-americana no caso haitiano no Conselho de Segurança (autor(es/as): **Caroline Cordeiro Viana e Silva**)

INTEGRAÇÃO REGIONAL EM INFRA-ESTRUTURA: AVANÇOS E CONTINUIDADES DA INICIATIVA PARA INTEGRAÇÃO DA INFRA-ESTRUTURA REGIONAL SUL-AMERICANA (IIRSA/2000-2010) (autor(es/as): **Danielle Rodrigues da Silva**)

INTEGRAÇÃO DA INFRAESTRUTURA REGIONAL SUL AMERICANA (IIRSA): UM ENFOQUE NAS ESTRADAS AMAZÔNICAS (autor(es/as): **Felipe da Silva Machado**)

O PAPEL DO MERCOSUL NA CONSOLIDAÇÃO DA DEMOCRACIA: UM BALANÇO PRELIMINAR E ALGUMAS HIPÓTESES (autor(es/as): **George Wilson dos Santos Sturaro**)

Caminhos para a integração: a concepção das Organizações Internacionais acerca da educação. (autor(es/as): **Tchella Fernandes Maso**)

MR1.4. A efetivação dos direitos fundamentais na América Latina

EMENTA

A presente Mesa Redonda/GT tem por finalidade debater a efetivação dos direitos fundamentais na América Latina. Os temas abordados serão: (i) as dificuldades de ordem política e econômica, entre outras, para a efetivação dos direitos fundamentais na região e (ii) a contribuição das organizações regionais para a efetivação dos direitos fundamentais nos seus Estados membros.

Coordenadores: Eduardo Biacchi Gomes - Faculdades Integradas do Brasil (UNIBRASIL - BRASIL) Cíntia de Almeida Lanzoni (PUC-PR - BRASIL)

Andrea Benetti Carvalho de Oliveira: Centro Universitário de Curitiba - (UNICURITIBA - BRASIL)

Francielle Morez: Centro Universitário de Curitiba - (UNICURITIBA - BRASIL)

Ronald Silka: Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR - BRASIL)

Igor Koltun Rebutini: Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR - BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

PRIORIDADES ATENDIDAS PELOS MUNICÍPIOS GAÚCHOS ATRAVÉS DE RECURSOS DO PROGRAMA SISTEMA INTEGRADO DE SAÚDE NAS FRONTEIRAS (autor(es/as): **Carla Gabriela Cavini Bontempo**)

AQUESTÃO INDÍGENA E O ESTADO BRASILEIRO (autor(es/as): **ELIAS MARCOS GONÇALVES DOS SANTOS**)

O PACTO PELA SAÚDE NAS CIDADES-GÊMEAS DA FRONTEIRA DO RIO GRANDE DO SUL COM A ARGENTINA E O URUGUAI (autor(es/as):

Lislei Teresinha Preuss)

A PARTICIPAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL NAS INSTITUIÇÕES COMUNITÁRIAS DO MERCOSUL (1991 – 2011) (autor(es/as): **Ludmila Andrzejewski Culpi**)



INSERÇÃO DA AMÉRICA LATINA NA GLOBALIZAÇÃO:

RELAÇÕES ENTRE EQUIDADE SOCIOECONÔMICA E SIMBÓLICA

Edson Capoano

Resumo

Este trabalho considera que as culturas detêm elementos simbólicos que se adaptam mais ou menos facilmente às narrativas globais, ao intercâmbio simbólico promovido pelas redes sociais, gerando novas narrativas glocais, regionais e internacionais simultaneamente. De forma sistêmica semelhante, os Estados Nacionais latino americanos se inserem de forma mais ou menos bem sucedida na economia internacional, graças a elementos e fenômenos compreensíveis pelas teorias econômicas.

Palavras chave

América Latina; globalização; equidade; narrativas; IDH

Introdução

Sabe-se que a integração da América Latina entre si e nos processos de globalização depende de muitos fatores, que serão selecionados nesta seção, tópicos de desenvolvimento econômico da região, que auxiliarão no aumento da percepção sobre os desafios do continente rumo a um diálogo equilibrado, econômico, político e cultural.

Professor pesquisador da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Doutorando do Programa de Ciências de Integração da América Latina (PROLAM-USP). capoano@mackenzie.br ; edson.capoano@gmail.com .



O cenário econômico está em transformação constantemente, assim como a cultura. A União Européia, modelo de integração para a América Latina, demonstra a falência das decisões de alguns de seus membros, ocasionando graves crises financeiras, como em Portugal, Irlanda, Grécia e Espanha. Em alguns casos, a instabilidade econômica reabriu feridas culturais como a xenofobia, o neonazismo e a indagação da “falência do modelo multicultural”, como declarou a primeira ministra da Alemanha, Ângela Merkel, ao analisar conflitos entre alemães germânicos e alemães de ascendência turca. Economia e cultura parecem se entrelaçar, já que o diálogo sobre a identidade da União Européia fraqueja graças aos índices de desemprego e as falências dos sistemas bancários, imobiliários e previdenciários dos Estados Nacionais.

Nos Estados Unidos, sua dívida interna torna-se tão grande e aparentemente insolúvel que parece que o momento histórico da unipolaridade ianque está definitivamente enterrado. Arcar com intervenções militares simultaneamente ao redor do mundo exauriu o império, que agora pede um G20 para se responsabilizar pelos rumos econômicos de um planeta que fora desgovernado pelas nações ricas do G8.

A China torna-se o fiel da balança de qualquer movimento de peças econômico internacional, já que consome vorazmente commodities de todo o mundo e oferece produtos industrializados a preços imbatíveis, frente aos modelos de produção estadunidenses e europeus (os modelos fordistas frente aos toyotistas, já vistos anteriormente). Seu mercado interno colossal e seu desdém pelos direitos trabalhistas e individuais ocidentais facilita a composição de valor baixo e competitividade de suas exportações¹.

¹ Los países en desarrollo de Asia, en particular China, se han transformado en socios comerciales relevantes para varias economías de América del Sur. China es el principal mercado de exportación para el Brasil y Chile, y el segundo más importante para la Argentina, Costa Rica, Cuba y el Perú. La fuerte demanda china de alimentos, energía, metales y minerales ha beneficiado a los países que exportan estos productos, mejoró sus términos de intercambio e impulsó su crecimiento. Las exportaciones de América Latina y el Caribe a China crecieron un 5% durante la reciente crisis, al tiempo que cayeron un 27% las dirigidas a otras regiones. De esta manera, el dinamismo económico de China ha venido al rescate de las exportaciones de la región. (2010)



Como a América Latina se insere nesse cenário? Algumas nações se aproveitam da voracidade chinesa e garantem o superávit pela exportação de bens primários, retornando a um modelo bem conhecido pelos latinos: as repúblicas das bananas, que agora o são através da soja, arroz e minérios. Outros países, mais industrializados, como o Brasil, Argentina e México, buscam inserir-se na economia mundial sob novos formatos, também vendendo suprimentos aos asiáticos, mas competindo com os mesmos nos produtos manufaturados, além de verem parceiros comerciais confiáveis como a União Européia e os Estados Unidos esfriando suas economias e consumindo menos de nossos produtos.

Esse humilde panorama econômico certamente estará distinto a cada nova leitura deste trabalho, mas é certo que essas mesmas peças continuarão se movendo, produzindo novas conseqüências à economia e gerando novos cenários, a serem compreendidos ou alterados pelas relações culturais internacionais e regionais.

A identidade cultural e o diálogo em prol da integração regional não teriam como ficar de fora desse jogo. Pelo contrário, a maneira como as sociedades latino americanas se inserem na globalização passa pelas macroestruturas citadas acima. Globalização, Estados Nacionais e identidade local se combinam no êxito ou fracasso dos países ao se inserirem nos processos globais de comércio, democracia e integração. O sucesso das economias nacionais pode resultar em maior relação e identificação entre sociedades, se estas geram um sistema de simbiose e prosperidade mútuas. Veremos a seguir como o México e a Guatemala, o Brasil e o Peru são culturalmente próximos, mas economicamente distantes, o que faz com que o diálogo efetivo entre os países seja menos efetivo do que se espera de uma integração da América Latina pela cultura e pela economia. O México e o Brasil estão inseridos no cenário econômico internacional, ainda que tenham deixado boa parte de sua população fora dela, confirmando a expressão *país rico, gente pobre*. O Peru começa a estabilizar sua economia frente aos modelos contemporâneos de exportação e de diversificação de produtos, ditos liberalizantes da economia. Já a Guatemala



não tem infra estrutura, território, mercado consumidor ou commodities para para fazê-lo, ficando relegada a uma economia secundária. Curiosa e infelizmente, todas essas nações, fronteiriças e herdeiras de povos antigos e colonização semelhante, compartilham outro fenômeno que as inserem na globalização: a violência, gerada por grupos narcotraficantes internacionais, e quadrilhas de jovens sem perspectiva nas cidades e no campo.

Por isso, esta seção do trabalho vai apresentar dados que demonstram como elementos objetivos para a constituição de sociedades equilibradas, como desigualdade, igualdade de gênero, escolaridade, condições sanitárias e ambientais, liberdade, violência e migrações, em comparação a dados como PIB, renda per capita, eficiência tributária e investimentos diretos na população. A falta de coesão desses dois planos, o social e o macroeconômico, é um verdadeiro entrave para o diálogo e integração de países, tão semelhantes pelas suas raízes culturais e sua história de colonização e exploração do território, mas tão distantes nos critérios sociais e econômicos.

Objetivos e Metodologia

Como este trabalho não tem como objetivo chegar a conclusões de cunho econômico, será escolhida uma metodologia de análise dos países da América Latina, em diálogo com os temas da tese, de duas formas:

Apresentação de dados consolidados sobre o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dos países escolhidos como corpus de pesquisa da tese: Brasil, Guatemala, Peru e México, já analisados culturalmente, de forma bibliográfica, por exploração de campo e por entrevistas qualitativas com jornalistas locais inseridos em redes de comunicação;

Analisar os sistemas de integração econômica no cenário internacional através da metodologia analítica da *Cepal*, a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe. Dessa forma, espera-se compreender os desafios estruturais das economias dos países da América Latina, utilizando dados que demonstrem o que nos falta para constituição de sistemas de inserção no mercado internacional efetivos, tanto macroeconomicamente, quanto social e



individualmente. Não haverá diálogo, integração e identidade na América Latina se nossas nações se mantiverem tão díspares, econômica e socialmente;

O objetivo é perceber como e se o Brasil, a Guatemala, o Peru e o México estão inseridos no cenário econômico internacional, e se isso se reflete nas condições sociais de suas populações.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)

O conceito de *desenvolvimento humano* usado neste capítulo provém das Nações Unidas. De uma forma inversa aos conceitos de riqueza das nações, como o PIB, a balança de exportações ou a renda per capita, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) analisa os índices de fatores que promovem a seguridade dos cidadãos, em prol de uma vida criativa e produtiva dentro de seus próprios interesses. Neste conceito de desenvolvimento, o essencial é que os cidadãos tenham estrutura e oportunidades para se desenvolver livremente.

E o que se chama de estrutura compreende-se como bases fundamentais para que o ser humano possa desenvolver suas capacidades, seja através da educação, da saúde para uma vida longa, ter dispositivos sociais para que possa viver com dignidade dentro de sua sociedade. Sem essas bases fundamentais, compromete-se o desenvolvimento humano, tanto biológico físico quanto cultural social.

A invenção do IDH se deu após a percepção de que o desenvolvimento econômico nacional tinha estreita relação com as possibilidades individuais para o desenvolvimento dos cidadãos. Por outra parte, também se notou a insuficiência das políticas liberais para melhora da condição de vida da população. Ou seja, o desenvolvimento da iniciativa privada não traz necessariamente desenvolvimento social ou erradicação da pobreza. O 2º setor tampouco tem a obrigação (nem o interesse) de arcar com programas de ajuste social e de nivelamento social, já que a função primordial de uma empresa é a obtenção de lucro.

Além disso, notou-se que algumas mazelas sociais não tinham necessariamente relação com o crescimento econômico dos países, tais como



as epidemias de AIDS, o recrudescimento da violência e da delinqüência. Estes flagelos podem ser encontrados tanto nos países mais pobres da África quanto nos Estados Unidos, ainda que nações com estrutura para auto organização gerem ferramentas sociais para o enfrentamento de questões como as acima. Assim, cada Nação busca solucionar suas debilidades através de dispositivos criados pelo 1º, 2º ou 3º setor, fazendo da estabilidade econômica, social e política bases essenciais para o êxito dessa empreitada. O IDH busca analisar os temas que mais contribuem para o desenvolvimento humano, a ampliação de suas capacidades individuais e a liberdade de escolher as formas de fazê-lo.

Alguns tópicos analisados pelo IDH e que comporão o panorama dos países latino americanos apresentados são:

Progresso social, através do acesso à educação, nutrição e saúde;

Economia, entendendo o desenvolvimento desta para a redução de desigualdades e a melhora dos níveis de desenvolvimento;

Eficiência, desde que o bom aproveitamento dos recursos gere crescimento, produtividade e compartilhamento dos benefícios a toda a sociedade;

Igualdade no desenvolvimento econômico e humano;

Participação e liberdade, para o empoderamento de distintos grupos sociais, étnicos, regionais etc;

Sustentabilidade, para garantir os suprimentos necessários às novas gerações;

Seguridade humana, para garantir os indivíduos ante ameaças crônicas tais como a fome, a violência e o desemprego.

Dados

A combinação desses fatores e seus índices compõem o IDH e uma forma de se interpretar como os países proporcionam bem estar aos seus cidadãos. A classificação do Brasil, da Guatemala, do México e do Peru na classificação geral do IDH 2010 é o seguinte:

México: 56º (caiu 2 posições no ranking em 2010, frente a 2008), considerado de desenvolvimento humano alto;

Peru: 63º (subiu 3 posições no ranking), considerado de desenvolvimento



humano alto;

Brasil: 73º lugar, considerado de desenvolvimento humano alto;

Guatemala: 116º lugar, considerado de desenvolvimento humano médio;

A América Latina e Caribe detêm a nota 0,704, classificados entre desenvolvimento humano médio e alto. Já os países de economia desenvolvida contam com a nota 0,879, que os colocam no ranking das nações com desenvolvimento humano muito alto. O índice ideal é 1.

Os critérios utilizados para composição desta lista são a esperança de vida, a média de anos de instrução escolar, anos previstos em instrução, Ingresso Nacional Bruto per capita (valores de produção gerada no país e por nacionais), entre outros. Além da disparidade dos países latinos acima citados, quando se discrimina outros tópicos do IDH, pode-se notar ainda mais a diversidade de suas sociedades, no que se refere a condições sócio econômicas, pese a origem cultural que lhes aproxima.

Quando o índice é corrigido pela *desigualdade social*, por exemplo, o Brasil cai da nota 0,699 para 0,509, uma perda de 27,2%; o Peru cai de 0,723 para 0,501, uma queda de 30,7%; o México, de 0,750 para 0,593, perda de 21,0%; e a Guatemala, de 0,560 para 0,372, baixa de 33,6%. Percebe-se a continuidade da máxima país rico, povo pobre, pois as nações mantêm a desigualdade social interna, o que dificulta o diálogo entre a própria sociedade nacional, e complexifica a integração das nações latinas entre si.

Outros índices demonstram as desigualdades internas dos países, complexificando a integração regional e o diálogo entre sociedades da América Latina:

(DES)IGUALDADE: Pobreza (anos 2000-2008):		
	Índice de pobreza (indigência);	incidência na pop. (%)
México	0,015	4,0
Peru	0,085	19,8
Brasil	0,039	8,5
Guatemala	0,127	25,9

(DES)IGUALDADE: Desigualdade de gênero (anos 2000-2008)		
	Classificação; (%)	qtde. de cadeiras no parlamento
México	68	22,1
Peru	74	29,2
Brasil	80	9,4
Guatemala	107	12,0

PARTICIPAÇÃO E LIBERDADE: Empoderamento (anos 2000-2008):			
Liberdade de escolha (%); violações de direitos humanos (1-5); liberdade de imprensa			
México	66	4	48,3
Peru	59	2	20,9
Brasil	76	4	15,9
Guatemala	63	2	29,5

SUSTENTABILIDADE (anos 2000-2010):				
Fontes renováveis; emissões per capita; pop. em áreas degradadas; saneamento (%)				
México	9	4,1	4	15
Peru	30	1,4	1	32
Brasil	44	1,9	8	20
Guatemala	54	0,9	9	19

SEGURIDADE HUMANA: Seguridad das pessoas: (2008)				
Armas- importações; exportações; refugiados; “desplazados”; mortes em guerra civil				
	Milhões	milhões	milhares	milhares
	milhares			
México	6,2	5,5
Peru	..	2	7,3	150
Brasil	72	212	1,4	..
Guatemala	..	5,9	..	n

PROGRESSO SOCIAL: EDUCAÇÃO		
%	Alfabetização adultos;	pop. com educação secundária completa
México	92,9	40,3
Peru	89,6	50,5
Brasil	90,0	21,9
Guatemala	73,8	15,3

ECONOMIA: PIB e renda per capita (2008 – US\$)		
	PIB (milhões);	renda per capita (milhares)
México	1.088,1	10.232
Peru	129,1	4.477
Brasil	1.575,2	8.205
Guatemala	39,0	2.848

EFICIÊNCIA (em US\$):		
	Ingresso por impostos (% do PIB);	gasto per capita para desenvolvimento (US\$)
México	11,7	1,4
Peru	15,4	16,1
Brasil	16,4	2,4
Guatemala	11,3	39,2

Os fenômenos sociais, políticos e econômicos que proporcionam essa classificação são muitos, ou tratando de outra forma, como se está utilizando neste trabalho, são compostos por um sistema *complexo*. Dessa forma, deve-se escolher uma metodologia para relacionar tais índices de IDH com suas possíveis causas ou, ao menos, entender algumas relações entre economia, desenvolvimento social e seguridade individual.

O quadro teórico conceitual para análise dos dados de IDH usados a seguir provém das diretrizes da *Cepal* (Comissão Econômica para América Latina e Caribe), que considera de forma estruturalista a proximidade ou distância entre países e sociedades ditas centrais (com economia desenvolvida) e periféricas (hoje chamadas em desenvolvimento e subdesenvolvidas). A principal metodologia da *Cepal* consiste em apresentar argumentos teóricos que visam a solução de problemas estruturais das economias latino americanas, além de identificar se as determinações econômico políticas terão o sucesso esperado. Parte-se de âmbitos específicos da teoria econômica, como a concepção do



sistema centro periferia, a teoria da inflação e a análise dos obstáculos para o crescimento, para então identificar políticas econômicas para a solução dos entraves, como políticas para o desenvolvimento, para relações econômicas internacionais, para o setor agrário e para o setores trabalhista, social e previdenciário. É um método de análise com fins pragmáticos, bem de acordo com a metodologia da tese que contém este capítulo, que também se utiliza de bases de interpretação cultural para a experimentação de campo e o diálogo com as fontes primárias, os jornalistas em rede do Programa Balboa.

As concepções básicas da Cepal

A Cepal concebe que a economia mundial está composta por dois pólos, o centro e a periferia, e as estruturas produtivas de nações de cada extremo diferem substancialmente. Inicialmente, a estrutura produtiva dos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento é interpretada como *heterogênea*, pois há setores de grande produtividade, como o agrário exportador, e outros de baixa, como a agricultura de subsistência. Além disso, estrutura dos países periféricos é *especializada*, de forma que suas exportações se baseiam em uma variedade baixa de produtos, na maioria primários. A *complementaridade* e *complexidade* de seus sistemas industriais é de baixo alcance, gerando poucos dividendos aos países.

Já a estrutura produtiva dos países de centro, ao contrário, contém características *homogêneas* e *diversificadas*. Esse antagonismo básico das economias hoje chamadas emergentes e desenvolvidas é reconhecida pela Cepal como *originária* e *estrutural*, o que define seus papéis na divisão internacional do trabalho e, por consequência, nas atividades econômicas e condições sociais de seus habitantes. Esse sistema tende a se perpetuar de distintas formas, e a manter uma relação de conexão e condicionamento entre os dois pólos citados. Ou seja, o sistema é dinâmico por natureza e se manterá em equilíbrio dinâmico.

O aspecto que este trabalho se aterá das conclusões da Cepal é uma das formas que a entidade identifica como soluções para o desequilíbrio das nações



periféricas: a complementaridade setorial da produção econômica, isto é, reduzir-se a especialização da plataforma exportadora dos países periféricos. Mas, estruturalmente, o sistema binômio centro periferia volta a se equilibrar, já que a diversificação da economia periférica pede novos produtos, importações e elementos oferecidos pelas econômicas centrais. Altas de produção industrial interna demandam, por exemplo, novos maquinários, muitas vezes desenvolvidos nos países ricos. Há, portanto, um processo de crise, transformação e homeostase no sistema econômico.

Falhas no sistema

O sistema estruturalista da Cepal contempla falhas rumo ao equilíbrio das economias periféricas e centrais, já que a heterogeneidade do sistema produtivo periférico pode ser alcançado por condições muito variáveis. O ingresso de muito capital internacional, a livre concorrência, a incerteza da absorção da produção pelos parceiros externos ou pelo mercado consumidor interno, o preço das commodities exportadas ou das manufaturas importadas geram um quebra cabeças que se organiza em pleno funcionamento – ou gera nova crise.

A teoria da deterioração dos termos de trocas, por exemplo, contempla que o desenvolvimento da indústria, o aumento de salários dos empregados e dos preços dos produtos dos países periféricos pode gerar uma incompatibilidade com o papel do país subdesenvolvido no sistema complementar frente as economias centrais, que talvez não adquiram seus produtos, gerando desemprego e o desmonte das estruturas produtivas. Uma das possíveis soluções para esse anagrama, segundo a Cepal, é o desenvolvimento simultâneo das economias periferias e centrais, rumo a um novo equilíbrio dinâmico. Ou pela ação do setor governamental periférico, tomando atitudes que protegeriam os setores internos da sua economia, como taxaço de manufaturas externas ou subsídios a setores internos. Decisões econômico políticas, portanto.



A análise da Cepal para a América Latina

A Cepal avalia os avanços da economia da América Latina como insuficientes para uma melhor inserção na economia mundial. Segundo seus relatórios, a diversificação da economia latina se eclipsou diante da alta das importações e da balança comercial positiva dos países da região, devido à alta demanda de matéria prima e de seus valores no mercado internacional, fazendo com que o modelo cepalino de estrutura de produção dos países periféricos se mantenha atual para explicação do continente.

A China, que por um lado consome commodities, por outro concorre com produtos manufaturados de valor agregado e cria uma feroz competição pelos mercados dos países centrais, já sem tanto fôlego econômico para receber tal demanda. Dessa forma, considerando o modelo estrutural periferia – centro, a China parece tomar o posto das economias desenvolvidas tradicionais, e os países da América Latina, o de se manter como fornecedores de commodities, devido aos baixos índices de investimento em inovação e desenvolvimento. E, como pode ser visto acima, na baixa eficiência dos investimentos em educação e no uso correto dos recursos naturais, transformados em sua maioria em problemas sociais, como áreas degradadas ou contaminação das águas.

Por isso, a Cepal recomenda maior relação entre países Sul-Sul, desenvolvendo o comércio interregional, pelo estímulo de empresas, sejam pequenas, médias ou grandes, todas geradoras de emprego. Além disso, o desenvolvimento industrial de pequeno e médio porte pode aproveitar os investimentos externos na América Latina, já que a região sofrera menos com a crise econômica mundial de 2008 que a Europa e os EUA, mantendo assim um mercado consumidor ainda aquecido. O cenário parece propício a criação, desenvolvimento e consolidação de integração interregional e, para isso, deve contemplar os aspectos econômicos, políticos e culturais.

Investimentos na América Latina

A seguir, serão apresentados dados do *World Investment Report 2011*, entre eles o Produto Nacional Bruto (PNB), pertinente pois conta com as rendas



liquidas recebidas ou enviadas ao exterior, ou seja, mostra a integração das economias nacionais em relação ao sistema econômico mundial. Além disso, pode-se perceber quanto um país depende de capital internacional para compor seu PNB, já que na subtração das entradas/recebimentos com as saídas/remessas, tem-se quanto capital estrangeiro fora efetivamente investido no país analisado. Também pode se notar se o país depende de plantas de produção estrangeiras alocadas no seu território ou se conta com empresas nacionais, dispostas ao redor do mundo, gerando divisas à nação.

Já os dados de investimento estrangeiro direto (IED) demonstram o grau de fixação de empresas estrangeiras em um país, dado que devem investir no território nacional, gerando uma empresa filial, para então enviar remessas de lucros à matriz, processo que define uma empresa multinacional.

Em 2010, o Brasil recebeu de investimentos estrangeiros diretos, 48.438 milhões de dólares, e emitiu 11.519 milhões, o que compôs 13% de seu PNB. Suas reservas em IED foram de US\$ 472.579 bilhões, compondo 22,9% de seu PNB.

No mesmo ano, o México foi o destino de US\$ 18.679 bilhões, enquanto outros US\$ 14.345 foram remetidos ao exterior, compondo 8,8% de seu PNB. Suas reservas em IED foram de US\$ 327.249 milhões, 31,9% de seu PNB.

O Peru atraiu US\$ 7.328 milhões, emitiu outros US\$ 215 milhões em 2010, compondo 18,5 % de seu PNB. Já as reservas em IED foram de US\$ 41.849 milhões, 26,9% de seu PNB.

A Guatemala foi o destino de US\$ 687 milhões e destinou outros US\$ 24 milhões, fazendo uma relação positiva do PNB de 11,7 %. Suas reservas em IED foram de US\$ 6.399 milhões, fazendo parte do PNB em 15,6 %.

Sistemas comuns para combater as assimetrias

A disparidade desses números demonstra que é necessário resolver as assimetrias econômicas dos países da América Latina. Ao nosso continente, é primordial alcançar um equilíbrio institucional e um mercado unificado, já que a consolidação e efetivação de acordos comuns gerará conseqüências como



investimentos em infra estrutura, logística, comércio inter regional, convergências normativas e políticas. Os blocos econômicos, redes de interesse inter regional, parecem ser uma alternativa ao desenvolvimento do continente.

Percebe-se que pelos avanços das últimas duas décadas, a América Latina obteve maior inserção comercial na economia global, com a combinação de maior número de produtos com valor agregado, liderados principalmente por México e Brasil, e uma alta de demanda das matérias primas, principal material de exportação do continente. Mas, como dito anteriormente, os países que mais importam commodities, os EUA e a China, aparecem como fortes competidores dos produtos industriais latinos.

Para equilibrar esse quadro competitivo, propõe-se uma competitividade sistêmica do continente, orientada pelos Governos nacionais e seus sistemas de integração político econômicos. Entre as medidas necessárias, estão as certificações internacionais de qualidade, normas fito sanitárias comuns, capacitação de mão de obra em prol de serviços especializados e de maior valor agregado.

O comércio inter regional deve ser destacado novamente, para gerar pequenas e médias empresas, que produzem mais manufaturas e oferecem mais empregos à população. Além disso, os blocos regionais amortizam as crises externas, mantendo seus mercados aquecidos com mecanismos de aquecimento das economias, podem ser complementares e heterogêneos entre si, gerando um equilíbrio interno frente às crises econômicas globais, como a de 2008.

Avançar rumo a uma integração regional significa aumentar a liberalização do comércio regional e a conseqüente facilitação do comércio em bloco com sócios inter regionais. Mas para isso, a Cepal destaca oito desafios a serem superados:

- Desenvolvimento de infra estrutura para a integração;
- Apoio ao comércio, como por financiamentos inter regionais;
- Fortalecimento do âmbito social da integração;
- Esforço por abordar assimetrias entre países e regiões;

- 
- Cooperação regional em inovação e competitividade;
 - Aproximação de parceiros bem sucedidos na inserção mundial da economia, como Ásia e o Pacífico;
 - Coordenação de debates em prol da reformulação do sistema financeiro internacional;
 - Cooperação regional para abordar as mudanças climáticas, que afetam a produção da maioria das commodities e as migrações internas dos países.

Tais eixos prioritários não devem ser anulados pelo sucesso de atividades bilaterais entre os países da América Latina com parceiros internacionais. Ou seja, o equilíbrio entre o aquecimento dos negócios com os mercados externos não deve anular os avanços necessários para a consolidação de nossos blocos regionais.²

Conclusões: Estratégias para sair da crise do sistema econômico mundial

As estratégias sugeridas pela Cepal como a diversificação das economias centrais e em desenvolvimento, juntamente com seus ajustes fiscais, demonstram que o mundo está saindo da crise econômica iniciada em 2008. As economias emergentes tiveram rápida recuperação, enquanto que as avançadas seguem em ritmo mais lento, implementando reformas financeiras, rumando para a complementaridade do sistema econômico global em vias de novo equilíbrio. Já as economias emergentes diminuíram seus pacotes de estímulo econômico, como oferecimento de crédito ao mercado interno, muito aquecido, e aumentaram as taxas de juros, para atrair investidores internacionais.

² Los compromisos que asuman los países de la región individualmente en negociaciones con socios extrarregionales (especialmente con países desarrollados) pueden presentar divergencias con las obligaciones contraídas en el marco regional y subregional, con implicancias potencialmente importantes para este. Si bien la situación plantea un desafío considerable para la integración comercial latinoamericana, las respuestas no son evidentes. En efecto, parece claro que varios países seguirán apostando fuertemente por las negociaciones extrarregionales. En consecuencia, sería necesario mantener espacios de flexibilidad e incluso una geometría variable en los distintos esquemas subregionales que permitan acomodar esta situación. (2010)



A Cepal ressalta a importância da coordenação e cooperação internacional, através de reformas financeiras, reestruturação bancária e estratégias comuns para sair da crise. Uma das formas é aproveitar o dinamismo econômico da Ásia e desenvolver acordos para comércio e investimento em competitividade na América Latina, identificando o maior interesse dos parceiros e nossas maiores necessidades. A Ásia conta com planos estratégicos para sua economia e entre eles está o desenvolvimento de regiões que atendam as suas demandas.

Bibliografia

CEPAL: Panorama de la inserción internacional. In www.cepal.org, 2010.

_____: Balance_decada_comercio_regional. 2010.

_____: Crisis_originada_en_el_centro_recuperacion_impulsada_economias_emergentes_Capitulo_I. 2010.

_____: Dimension_comercial_integracion_regional. 2010.

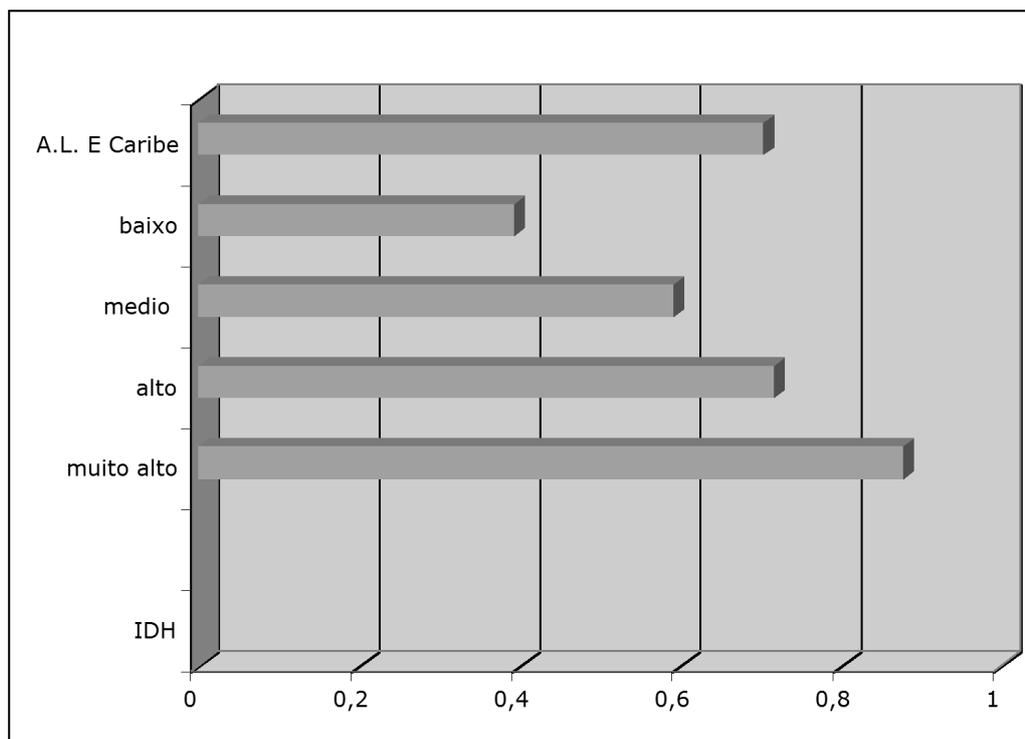
PNUD: Informe sobre Desarrollo Humano 2010 —Edición del Vigésimo Aniversario. In <http://hdr.undp.org/> .

RODRIGUEZ, Octavio: O pensamento da Cepal, síntese e crítica. In Revista Novos Estudos, edição 16, 1986.

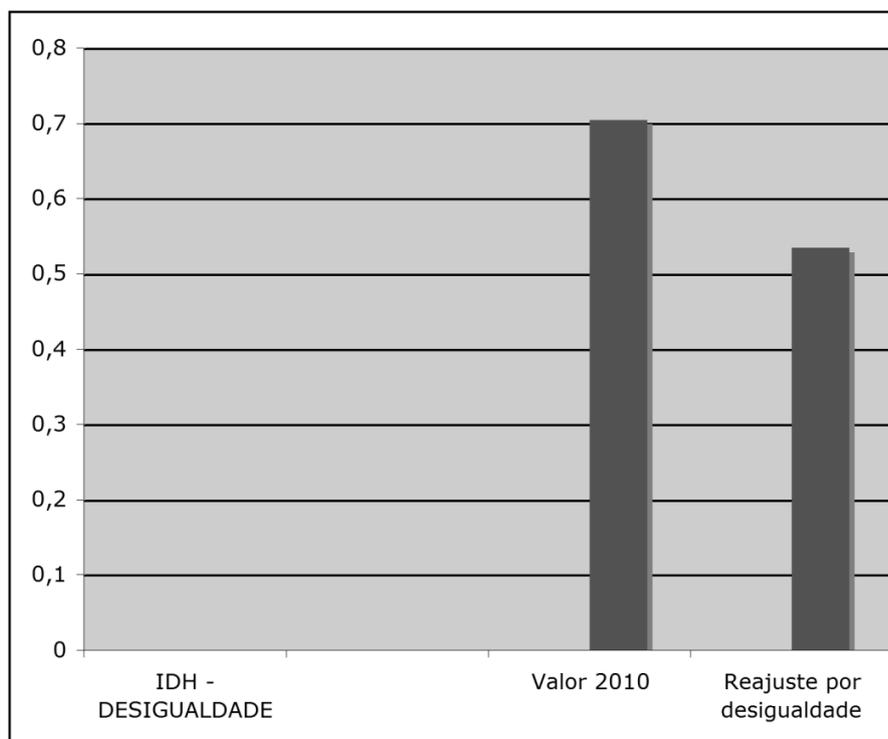
UNCTAD: World Investment Report 2011: Non-Equity Modes of International Production and Development . In <http://www.unctad.org>

Anexos

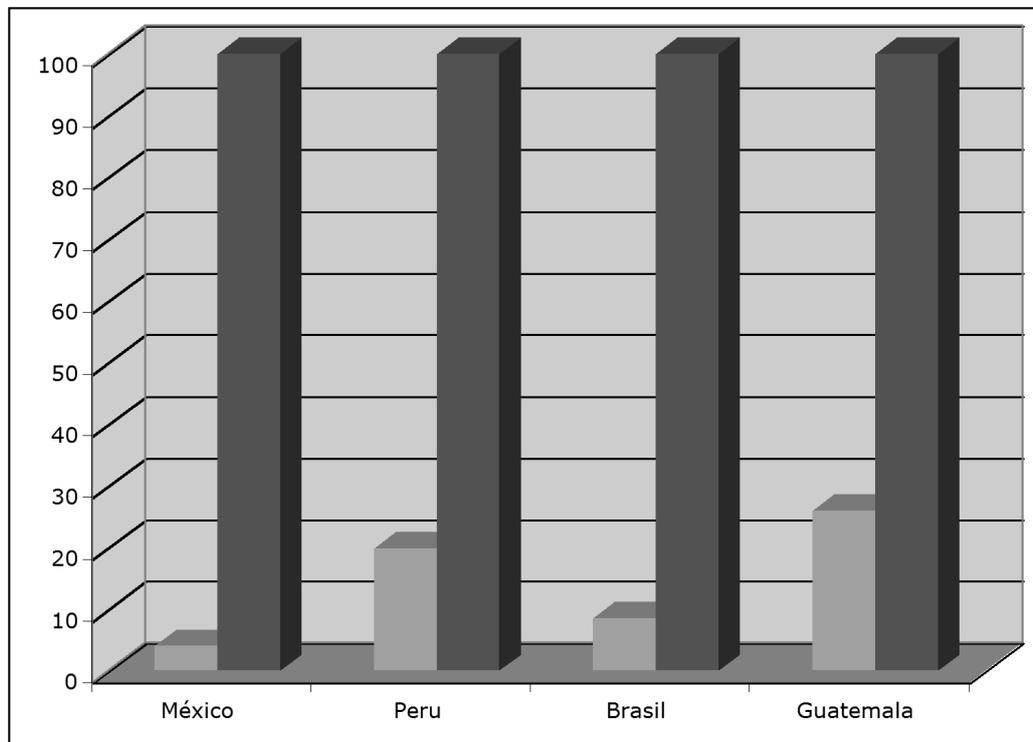
IDH da América Latina e Caribe e índices de classificação



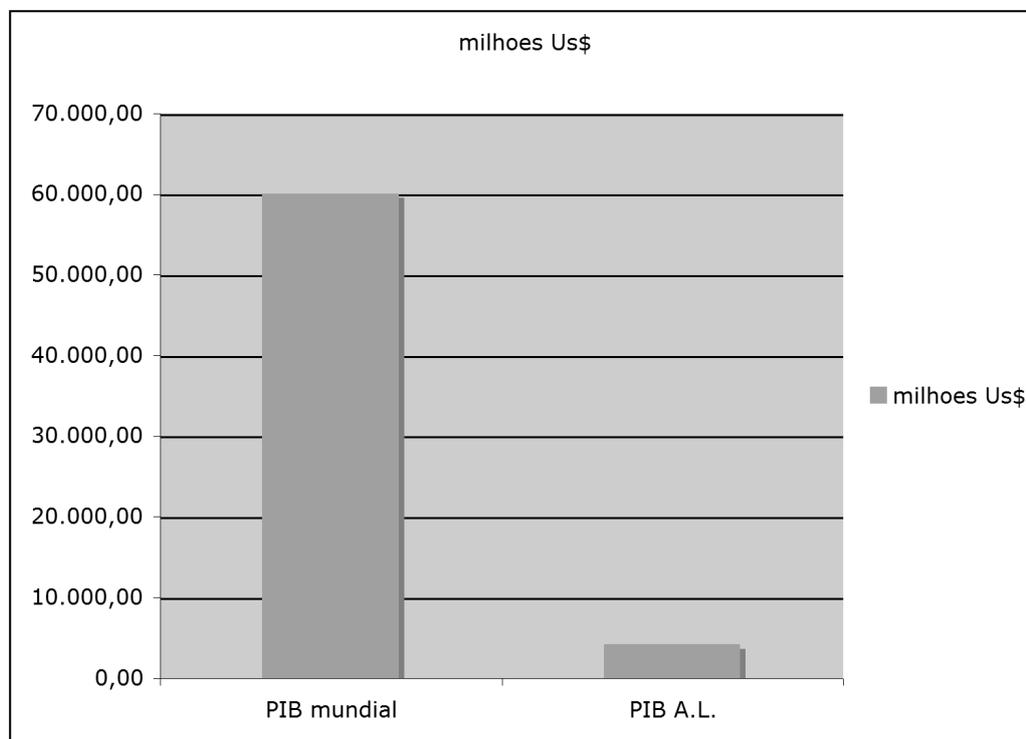
IDH latino americano e correção por desigualdade da população



IDH – Índice de pobreza (% da população abaixo em situação de miséria)



PIB mundial e da América Latina



IED (Investimento Estrangeiro Direto - 2010)

